

O professor, o saber e o laço de educar*

A complexidade das questões que envolvem o tema da educação tem exigido, de quem por ele se interessa, uma constante busca de novos modos de análise e interpretação. Essa busca justifica-se em função das inúmeras dificuldades impostas pela tarefa de educar, quer seja no âmbito familiar, nas instituições que se dedicam a esse ofício ou ainda naquelas que, em algum momento, dele precisam lançar mão.

Entre os diversos ângulos possíveis de abordagem do “fenômeno educacional”, a sala de aula tem se destacado como um importante e privilegiado local de análise, uma vez que se constitui em um *locus* essencial do processo educacional. Local privilegiado onde, de fato, são vividos os desafios, conflitos, sucessos e fracassos dos projetos educacionais; onde professores e alunos cotidianamente se encontram, estabelecendo laços com a suposta finalidade de construir um aprendizado. E é precisamente na direção do que acontece entre professores e alunos, nessa difícil tarefa de educar, que se seguiu esta pesquisa.

Diferentemente da maior parte das pesquisas realizadas sobre educação e, mais especificamente, sobre a relação professor-aluno, este trabalho buscou situar e discutir o problema à luz da teoria psicanalítica – entendendo-se aqui que a abordagem da relação entre professor e aluno, através da psicanálise, poderia abrir um novo e rico espaço de reflexão.

Buscou-se então, seguindo a orientação de um modelo psicanalítico de investigação, verificar quais seriam as posições adotadas pelo professor em relação ao aluno e qual seria, nessa relação, o lugar atribuído por ele ao saber, entendendo-se este último, a princípio, como o conjunto de conhecimentos veiculados pela instituição educativa. Na esteira dessas colocações, foram discutidas as conseqüências das posturas assumidas pelo professor em relação aos alunos.

Considerada uma articulação relativamente nova no campo das pesquisas sobre educação, a presente pesquisa teve como ponto de partida o exame das pioneiras tentativas de aproximação entre estes dois campos: psicanálise e educação. Iniciou-se, portanto, com uma análise das tentativas de articulação empreendidas por psiquiatras brasileiros no início do século XX, tentativas estas marcadas, nesse período, pelo caráter prescritivo e unilateral das análises dos problemas educacionais, fortemente influenciados pelo modelo médico tradicional de abordagem de clientes e sintomas: posição consideravelmente diferente das reflexões de Freud acerca da educação, que, em vários aspectos, oferecem indicações que se contrapõem ao modelo de abordagem implementado pelos pioneiros da psicanálise no Brasil. Aspecto digno de nota, considerando-se ser o texto freudiano a referência utilizada por esses psiquiatras.

Ainda no âmbito da análise das aproximações entre psicanálise e educação, examinou-se o conhecido texto de Catherine Millot **Freud antipedagogo**, do qual foi possível apreender uma abordagem das questões educativas mais próxima do texto freudiano e de sua releitura empreendida por Lacan. Das conclusões de Millot depreende-se que, por razões estreitamente ligadas aos fundamentos teóricos da psicanálise, não é possível a existência de uma pedagogia psicanalítica.

Ao fundar-se no conceito de inconsciente, a psicanálise colocou em evidência o avesso da educação, dedicando-se a explicitar exatamente aquilo que insiste, resistindo aos esforços educativos: a força da pulsão. Além disso, apontou os danos causados pela repressão desta, tarefa da qual a educação é uma das principais responsáveis, e que resultam no sofrimento psíquico do indivíduo.

Seguindo os passos das conclusões de Millot, entre outros, prosseguiu-se em direção ao objeto central de investigação desse trabalho: o lugar do saber na relação professor-aluno e seus efeitos. O que se verificou, a partir de uma análise freudo-laciana da relação professor-aluno, conduziu a presente pesquisa a uma estranha situação: por um lado, constatou-se que a educação representa uma tarefa necessária sob o ponto de vista da manutenção da civilização, através da formação do indivíduo civilizado; por outro, foi possível compreender que a educação, como laço, exige a anulação do “sujeito/desejo”, em prol do saber, pretensamente totalizante, que veicula.

No ato de educar, o saber, encarnado pelo professor, é imposto ao aluno, exigindo dele um “tudo saber” como resposta ao mal-estar de existir. Nesse sentido, poder-se-ia pensar o laço de educar como uma estrutura que carrega seu próprio fracasso, constituindo-se em mais uma tentativa de silenciar a dor de existir e que obteria, como efeito, o grito revoltado do sujeito, reivindicando sua ex-sistência. Ex-sistência que se coloca para além de qualquer ordem com a qual se pretenda aprisioná-la, visando conferir-lhe uma unidade.

Por fim, questionou-se o que professores e educadores de modo geral poderiam fazer a partir dessas constatações. O que se apresenta como resposta, no horizonte das teorizações psicanalíticas, aponta para um enfrentamento de tais questões sob o ponto de vista de uma ética apoiada nas formulações de Lacan sobre o que denominou “ética da psicanálise”.

Ao invés de apoiar-se em categorias abstratas (o homem, o Direito, o Outro...), a ética da psicanálise refere-se a situações, processos singulares que remetem, em última instância, à verdade da falta, cerne da existência humana. Nessa concepção, para além das obrigações morais com as quais se depara o sujeito, este deve se defrontar com a exigência ética que emerge da falta e o faz desejar.

Aos professores caberia então, nessa perspectiva, enfrentar a singularidade dos desejos de seus alunos e os seus próprios, sem ilusões quanto à possibilidade de silenciá-los com qualquer saber. Enfim, conviver com esse fato que demarca algo de impossível na tarefa de educar.

Esse trabalho de pesquisa e as reflexões que suscitou apontaram, como uma alternativa, o caminho da assunção dessa impossibilidade que diz respeito à condição de sujeito: a impossibilidade de que haja um saber, qualquer saber, que possa significar de maneira totalizante a existência. Impossibilidade apontada por Freud e que é, diferentemente do domínio da impotência, solidária desse projeto ético.

Entende-se aqui que, ao poder separar aquilo que é da ordem do impossível, os sujeitos poderão se sentir livres do trabalho de negar essa impossibilidade. Enfim, sentir-se-ão livres para criar. Tal é o desafio que a psicanálise propõe ao educador: tecer, juntamente com seu aluno, no vaivém de saberes e afetos, a singularidade de seus desejos.

LIMA, Maria Alice Moreira. **O professor, o saber e o laço de educar**. 2002. 120p. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. (Dissertação, Mestrado em Educação).